

Fotos: Margarida Neide / Ag. A TARDE



Fonte de água no jardim é marca do Carlos Costa Pinto

## Série 5/5

ESTA É A QUINTA E ÚLTIMA MATÉRIA DA SÉRIE SOBRE A ARQUITETURA DOS ANTIGOS CASARÕES QUE SEDIAM IMPORTANTES MUSEUS DE SALVADOR

THIAGO CONCEIÇÃO\*

No amplo espaço do quintal, o jardim decorado com uma fonte de água em cascata é o cartão de visita da casa onde está situado o Museu Carlos Costa Pinto, no Corredor da Vitória. Construída em estilo colonial norte-americano, os cômodos dos seus dois andares guardam as 3.175 peças da maior coleção particular da Bahia.

Apesar de ser projetada para servir como residência, a mansão nunca ganhou essa função. No entanto, elementos como o mobiliário, a prataria e as pinturas, distribuídos pelo imóvel, trazem à tona o modo de vida dos seus antigos donos.

"A construção da casa foi concluída por dona Margarida Costa Pinto. Na ocasião, ela estava viúva de Carlos de Aguiar Costa Pinto, um grande comerciante baiano que foi adquirindo coleções das famílias tradicionais que entravam em decadência. Com sua morte, Margarida resolveu doar para o estado o imóvel e todas as peças do marido", explica Francisco Senna, arquiteto e historiador.

Como resultado da função que seria adquirida pelo imóvel, todas as 23 salas expositivas conservam os aspectos de uma antiga residência de Carlos Costa Pinto.

Nas portadas internas dos cômodos, os azulejos portugueses são alguns dos elementos da arquitetura original da casa. No gradis de jacarandá da porta e escadaria do salão principal, a simetria e a riqueza de detalhe dos elementos entalhados expõem um trabalho manual que busca criar a atmosfera da Bahia colonial.

Dentro das dependências, seja por vela ou gás, a iluminação dos exuberantes lustres da casa reflete nos objetos de prataria da coleção. A maior parte deles ficava guardada nos antigos e grandes baús de madeira da família.

"Olhar para a decoração da mansão com o acervo das mobílias é fazer uma viagem no tempo. É só imaginar que o guarda-roupa é algo recente na nossa cultura, antes, os baúes eram usados para o transporte das coisas", conta Simone Trindade, gestora administrativa do museu.

No térreo, entre os cômodos da casa, uma pequena varanda ao ar livre serve como área

**ARQUITETURA** Construído como residência, casarão não chegou a ser habitado e guarda hoje a maior coleção particular da Bahia

## Museu Carlos Costa Pinto apresenta estilo colonial norte-americano



Porta principal (esq.) é inspirada na de conventos; gradis das demais foram feitos à mão



## CRONOLOGIA DO CARLOS COSTA PINTO

**1946** Após colecionar peças e obras de arte de famílias tradicionais do estado por 25 anos, o comerciante baiano Carlos de Aguiar Costa Pinto, de 61 anos, faleceu

**1958** A construção da casa é finalizada. Sem ser habitada, ela sofreu adaptações para ser transformada em museu

**1969** D. Margarida Costa Pinto resolveu doar o casarão e a coleção do marido para o estado. No mesmo ano, o museu foi inaugurado sob a orientação e direção da museóloga Mercedes Rosa

**2000** Foi iniciado o projeto de atualização museológica, compreendendo mudanças nas vitrines e iluminação

**2006** O projeto de atualização foi finalizado

CATÁLOGO MCEP

de socialização. Próximo ao jardim do espaço, a organização das mesas e cadeiras deixa aberta a passagem para as salas que são reservadas ao setor administrativo do museu.

Ao fundo da mansão, uma pequena casa foi construída para alojar os empregados da família. Projetado apenas com o térreo, a habitação ganhou o primeiro andar após a implantação do museu.

Do lado de fora, entre a mansão e o aposento dos empregados, o quintal é rodeado por bancos de concreto decorados com azulejos portugueses. Fixados nos muros, as estruturas foram mantidas nos formatos originais da planta de construção do espaço.

## Atualização museológica

Por ser uma casa com arquitetura mais moderna, diferente dos casarões coloniais de outros museus da cidade, não houve a necessidade de grandes alterações na estrutura da casa.

O projeto de instalação do museu acrescentou ao espaço de exposições temporárias novas vitrines, painéis deslocáveis e sistemas de iluminação e climatização.

"Do ponto de vista expositivo, a gente ganhou vantagem pelo fato de o local não ter sido habitado. Além disso, por ser uma casa com proposta

mais moderna, não existem os pequenos quartos dos antigos casarões coloniais, fato que evita problemas com as paredes internas. Aqui, temos espaços que garantem um amplo campo visual das peças", diz Simone.

Na sala de exposição temporária, as vitrines de madeira que protegiam as peças da coleção foram substituídas pelas de alumínio anodizado, mudança adotada para eliminar a possibilidade de proliferação de cupins.

"Vale lembrar que é uma coleção particular que pertence ao povo. Só de prataria, existe mais de uma tonelada de peças. Por isso, é essencial garantir a sua conservação, motivo pelo qual ocorreu a denominada atualização museológica", conta Senna.

Resultado das atualizações feitas para a função de museu, dentro da casa, foi projetado e montado um moderno elevador. Se a casa fosse virar moradia da família Costa Pinto, o elevador teria o visual francês dos casarões coloniais.

Além dele, entre as mudanças que visaram melhorar a acessibilidade dos visitantes, rampas foram construídas em áreas externas da mansão, próximo aos quintais.

\*SOB SUPERVISÃO DA EDITORA CASSANDRA BARTELO



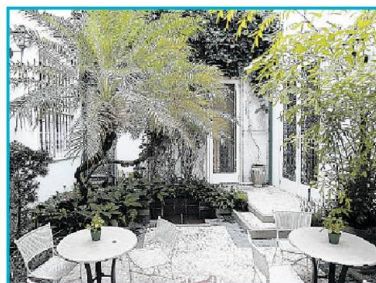
Janelas acompanham toda a fachada, aproveitando a luz natural



Escada de acesso ao 1º andar tem corrimão feito em jacarandá



Em dois andares, museu Carlos Costa Pinto guarda 3.175 peças



Característica de casas americanas, museu tem um pátio interno